

Veze e voz às crianças!



Alice Ribeiro Arena, 6 anos

## EDITORIAL

### AS CRIANÇAS PRECISAM APRENDER AS LETRAS PRIMEIRO PARA DEPOIS LER UM TEXTO?

Por Adriana Pastorello Buim Arena

Caras professoras alfabetizadoras!

Este boletim se dedica a discutir a natureza de práticas de leitura pensadas pelo viés de uma alfabetização humanizadora. Será possível constatar, durante a leitura de suas seções, como o processo de aprender a ler a linguagem escrita faz parte da vida, da comunidade da cultura, da história da criança.

Por esta concepção, não se espera que a criança faça o passo a passo indicado pelos métodos tradicionais de alfabetização descolados da vida – primeiro aprende-se o traçado ou o som das vogais, depois as letras ou sílabas, em seguida as palavras, a composição de frases, e, no *grand finale*, são apresentados textos criados artificialmente com as palavras já aprendidas.

A alfabetização humanizadora considera a criança na vida e, por isso, propõe que façamos práticas pedagógicas exatamente como as práticas sociais são feitas em nossa sociedade. Para ler um texto, o que fazemos? Tomamos um material impresso ou virtual diante de nossos olhos e, sem balbucios, tentamos encontrar sentidos entre aquilo que esperamos encontrar no texto e aquilo que ele traz, a palavra do outro sendo trocada com as minhas palavras internas; um diálogo sem som. Não lemos simplesmente por ler; o ato de pegar um texto e tomar a decisão lê-lo tem sempre uma intenção, um motivo, uma necessidade que guia e impulsiona esse ato.

Depois de apresentada essa visão, a mesma pergunta sempre se repete: mas como a criança vai ler se não conhece o código? Não é preciso primeiro ensinar as vogais e as letras? Resposta: **Não!** Passo a explicar esse **não** tão categórico, porque as respostas para tudo na vida são sempre complexas.

É preciso entender que não existe uma ordem hierárquica dos conhecimentos a serem apropriados que envolvem o ato de ler. Os métodos de alfabetização usados na escola tradicional elegeram como único critério para esse processo conhecer o código. Ajustando a terminologia para nossa concepção, conhecer os caracteres usados na linguagem escrita é fundamental, mas não é o único saber a ser apropriado.

Na verdade, é preciso ensinar *tudo junto e misturado*: os caracteres que compõem a linguagem escrita, a sintaxe que emerge dos **enunciados**, não das frases que repousam mortas na mesa de autópsia da gramática, mas dos enunciados vivos, que dizem aquilo que a criança quer dizer, e, principalmente, ensinar como as inscrições servem para conhecer de maneira profunda, imaginativa e prática nossa identidade e a do mundo que nos cerca.

Há uma teia complexa de fios que orientam a formação do leitor. Desconfiem sempre dos métodos que, a conta gotas, esterilizam o ato de ler.

## DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

### ATOS DE LER, ATOS DE VER, ATOS DE REFLETIR

Por Dagoberto Buim Arena

Na seção *Eu faço assim*, neste boletim, a professora Edgard, do povoado de Cajueiro, em Urbano Santos, Maranhão, descreve, passo a passo, uma prática pedagógica executada por ela e por seus alunos. Sua descrição revela dois conceitos vigotskianos em relação à linguagem escrita: o de apropriação e o de objetivação. Para escrever, isto é, para objetivar, as crianças têm, necessariamente, de se apropriar da linguagem escrita social e historicamente criada pelas gerações anteriores. Costumeiramente, as práticas alienantes desconsideram esse princípio e põem as crianças a aprender a escrever sem que tenham oportunidades de se apropriarem da linguagem escrita que deverão objetivar, isto é, escrever! Essas alienantes práticas pedem que as crianças ouçam e isolem fonemas, em vez de verem textos inteiros, enunciados completos, palavras prontas. Portanto, ver, ler e refletir.

A aprendizagem da linguagem escrita inclui a apropriação desses dois atos humanos complexos, o de ler e o de escrever. O segundo depende umbilicalmente do primeiro, porque o primeiro tem como referência o objeto visível, a linguagem escrita disposta em diferentes gêneros, em suportes variados, em espaços diversos de circulação.

Aprender a ver palavras, figuras que são compostas por figuras menores, e aprender a ver figuras mais amplas formadoras de enunciados é apropriar-se dos atos humanos que incorporam esse objeto chamado linguagem escrita. Mas não basta ver. É fundamental aprender a pensar. E é aqui que entra outro conceito essencial: o de linguagem interior.

O ato de aprender a ler é um ato de aprender a lidar com os sentidos na linguagem interior. Diante de um texto, exposto aos olhos, a criança vê e pensa. Não pronuncia. É no silêncio, condição necessária para o ato, que ela tem as melhores condições ambientais para começar a compreender o que é verdadeiramente ler. A professora Edgar descreve claramente essa condição em sua prática.

No silêncio, a linguagem interior, o rascunho mental, funcionam com tanta liberdade que a criança

pode rascunhar, olhar palavras, arriscar sentidos, desprezá-los, confirmá-los, sem que ninguém ainda esteja ouvindo a sua voz, censurando-a ou imobilizando sua mente e seus pensamentos. Ali, no silêncio, ela pode correr todos os riscos sem que seja publicamente execrada.

No silêncio, inteligentemente concedido pela professora, ela pode interiormente lidar com o que traz para esse encontro marcado entre ela e o autor. Os enunciados diante de olhos funcionam como mediadores culturais. Entre a criança e o autor transitam palavras, com seus sentidos e com suas configurações gráficas, montadas com caracteres.

A professora a ajuda com algumas informações a respeito do tema do conto, do poema, da lenda, do texto informativo, que ela ainda não sabe.

Enquanto a professora diz algumas informações, apresenta uma foto, um áudio ou um vídeo, ela amplia seu acervo, tanto em relação ao tema quanto às configurações das palavras em seus aspectos mais detalhados.

Enquanto a professora fala, mostra, provoca, lança perguntas, ela rascunha tudo em sua linguagem interior. Pensa, repensa, arrisca, elabora provisoriamente suas próprias perguntas, cujas respostas vai procurar no enfrentamento que logo virá.

Enquanto a professora fala, ela vira e revira todas as suas experiências e vivências, próximas ou distantes, pobres ou ricas, à espera do encontro, porque é preciso se preparar.

Enquanto a professora a provoca, ela ensaia hipóteses, imagina o que virá, tal como se prepara para um passeio com os amigos ou parentes além dos muros da escola.

A sua mente borbulha, e a linguagem interior ferve, alimentadas ambas pelos sentidos que fazem da vida a razão de se viver. Aprender a ler é aprender a pensar e a refletir com as palavras escritas por um outro, que a criança não conhece pessoalmente, mas que passa a conhecer exatamente pelo que escreve e pelo modo como escreve.

As ações docentes planejadas para o ensino do ato humano de ler incluem, por esta perspectiva, o ensino de atitudes de formação entre as quais a de aprender a observar pistas visuais, como um detetive à procura de pequenos indícios; a de aprender a levantar hipóteses; a de aprender a lançar previsões com base nos indícios; a de aprender a fazer perguntas provisórias para que sejam refeitas; a de aprender a encadear perguntas provisórias e suas respostas também provisórias; a de aprender a duvidar; a de aprender confirmar; a de aprender a fazer uma boa troca com o autor mediada pelos enunciados do texto.

A criança, ao aprender a ler, tem de aprender a mobilizar tudo o que tem, tudo o que sabe, para trocar, porque saber ler é saber trocar sentidos. E somente há troca se cada um dos interlocutores – o pequeno leitor e o escritor – trouxerem conteúdos para essa troca. A criança que aprende a ler terá as melhores condições se trouxer muita experiência e muita vivência na sua sacola. Quem mais traz, mais chances têm de êxito. Quem pouco traz, menores chances tem. E quem é o seu provedor mais direto? A professora. E o mais distante? Todos os demais com quem compartilha as dobras de sua vida.

Se as experiências experimentadas e as vivências vividas podem ser pobres ou ricas e se delas dependem o êxito da criança em silêncio diante do texto, resta à professora criar situações reais e concretas para retirá-las, pouco a pouco, da pobreza.

Mas como? Um bom movimento será o de fazer entrar em sala de aula a cultura de outros povos, por livros, filmes e histórias contadas por quem andou por lugares distantes. Outro movimento é orientar o olhar para sua própria cultura, que por fazer parte do cotidiano nem é percebida como cultura, nem seus bens são reconhecidos como importantes para a formação desses seres em formação histórica e cultural. Outro, ainda, é criar as condições concretas de viver situações fora da escola, como as aulas passeio de Freinet. Experimentar e viver são os caminhos que podem vincular escola e vida.

E tem mais? Sim. Tem mais. O ato de ler não é um ato nem simples, nem único. São atos, na essência, múltiplos. São atos e não um ato. Longe de serem confundidos com a extração alienante de

sons encarcerados em letras, um ato claramente único e estéril, os atos de ler encontram lugar na multiplicidade de gêneros e seus suportes.

A diversidade de gêneros solicita da criança que aprende, a criação e recriação de atitudes não padronizadas. Sabemos todos que a mente das crianças não suporta enquadramentos, uniformizações, regras inflexíveis e imutáveis. Sua consciência em formação pede liberdade para pensar!

Um poema, uma carta, uma mensagem de e-mail, um diálogo pelo *WhatsApp*, uma lenda, um conto, todos esses gêneros, em virtude de sua configuração e de seu papel nas relações humanas, solicitam atitudes diversas e flexíveis. Ensinar a criança a ler fora dos gêneros é uma ação que limita seu desenvolvimento intelectual porque ela permanece impedida de experimentar as possibilidades, as frestas, as pistas, as sacadas, que cada gênero, em certa situação, oferece.

Quanto mais gêneros, mais suportes também são necessários. Os suportes compõem com o gênero um conjunto indissociável. O papel, a lata, o pano, a parede, a areia, a tela, o tampo da carteira são suportes de linguagem escrita e cada um deles se vincula a um gênero favorito. Cada conjunto pede atitudes diferentes para um bom enfrentamento. A diversidade promove a riqueza e o desenvolvimento intelectual. O único, ao contrário, empobrece, elimina os sabores e os aromas variados dos atos de ler.

Faltam ainda outras criações da cultura humana para ampliar esse conjunto composto por gêneros e suportes. Cada gênero e cada suporte solicitam movimentos específicos dos olhos, pedem gestos próprios com os dedos, sugerem posturas corporais diferenciadas. É então que o conjunto se torna mais completo.

Esses conjuntos são criações humanas. Se a função social da professora é legar à criança que chega à escola os atos humanos já criados pelas gerações anteriores com a linguagem escrita já posta, nada mais necessário do que fazer transitar pelas salas de aulas a diversidade de gêneros, a diversidade de suportes e a diversidade de gestos.

## APRENDER A LER ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

Por *Edgard Rodrigues Silva Abtibol*

### Contexto da experiência

Duas professoras da Universidade Federal do Maranhão, Joelma Reis Correia e Edith Maria Batista Ferreira, desenvolvem projeto de ação extensionista de alfabetização, desde março de 2022, no município de Urbano Santos, no Maranhão, a 235 quilômetros de São Luís, com cerca de 34 mil habitantes. Grandes plantações de eucaliptos e de soja circundam as pequenas lavouras familiares de mandioca e suas casas de fabricação de farinha. Muitos povoados e suas escolas multisseriadas se espalham pela zona rural. O organograma inclui a formação de formadores que assessoram um grupo específico de professores. Em fevereiro de 2023, professores, orientados pela coordenação geral e por seus formadores, apresentaram experiências didáticas efetuadas no interior do Programa Alfabetizar pra valer, baseado em pressupostos didático-teóricos de Josette Jolibert, Élie Bajard e, como pano de fundo, concepções de linguagem fundamentadas em Lev Vigotski, Valentim Volóchinov e Mikhail Bakhtin.

Eu, Edgard Rodrigues Silva Abtibol, professora da escola Pontes de Aguiar, do povoado Cajueiro, situado a alguns quilômetros da cidade, faço parte desse grupo e fui assessorada pela formadora Conceição de Maria Coimbra Pereira Barbosa. Sou professora de uma classe multisseriada, com 23 alunos do 1º. ao 5º. Ano. Relato, a seguir, a experiência que realizei com meus alunos.

### Relato da Prática

Com o início do programa Alfabetizar pra Valer, que tem como um dos objetivos recuperar e fortalecer a cultura de nosso município, nosso colega Edmar Corrêa Pedrosa escreveu uma lenda de uma grande e bela lagoa, a Lagoa do Cassó. A coordenação nos enviou o texto da lenda escrito pelo nosso colega para que fizéssemos uma sessão de Descoberta do texto, conforme ensina Bajard.

Esse bellissimo texto foi publicado posteriormente no site do NAHum na aba Histórias Brasileiras.

Outras colegas de outras escolas também fizeram essa experiência com classes multisseriadas ou não. Vou contar para vocês, como eu fiz e quais foram os impactos que eu observei na formação das crianças e na minha formação. Espero, desse modo, contribuir também para a formação de vocês, minhas colegas professoras, leitoras deste boletim.

#### 1º. Etapa

Primeiramente, houve um diálogo em uma roda de conversa sobre a Lagoa do Cassó. Dei espaço para que as crianças manifestassem seus conhecimentos e suas experiências. Eu projetei um vídeo sobre a Lagoa. Embora situada a apenas 42 quilômetros, questões financeiras impedem o acesso das crianças pobres. Alguns conheciam apenas de ouvir falar. Na escola, conheceram pelo vídeo.

#### 2ª. Etapa

Em seguida, apresentei o texto “A lenda da cobra grande da Lagoa do Cassó”, impresso em um cartaz, em fontes grandes, exposto na lousa para que todos pudessem olhá-lo. Propus que tentassem lê-lo em silêncio, à procura de pistas para a construção de sentidos, conforme o acervo cultural de cada um e de acordo com as perguntas que surgiam em sua mente.

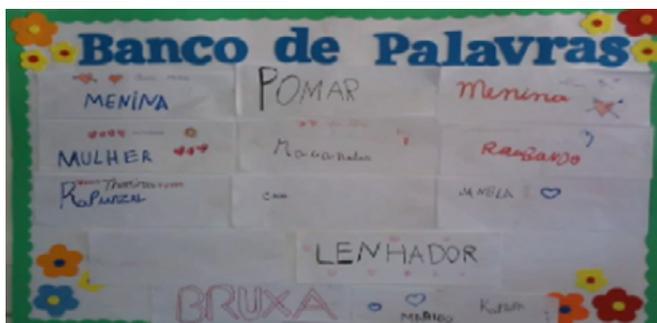
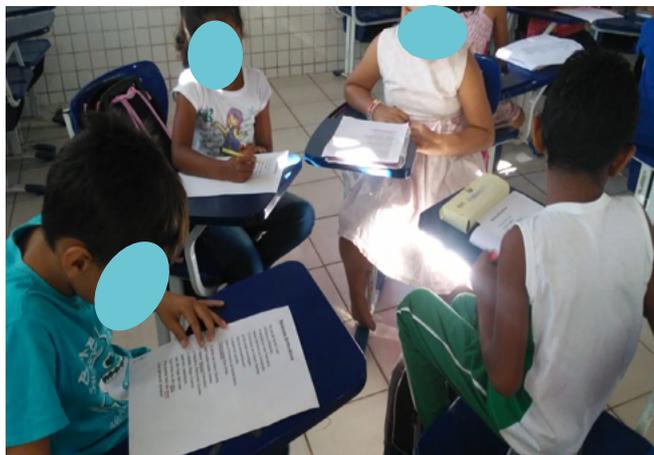
#### 3ª. Etapa

Depois das buscas de pistas em silêncio, abri um diálogo para que todos se manifestassem sobre suas descobertas. Alguns falaram de palavras lidas, outros sobre a configuração de algumas palavras, seus sentidos e suas unidades constitutivas, outros relacionaram a lenda com outros gêneros, como músicas, provérbios e contos infantis. É claro que eu, como professora, provocava discussões em torno de alguns desses aspectos a que me referi.

#### 4ª. Etapa

Algumas das palavras foram montadas pelos alunos com letras móveis. Neste ano vou experimentar usar caracteres. Os alunos maiores auxiliavam os menores. Depois das montagens,

escrevemos as palavras em tarjetas e guardamos em nosso Banco de Palavras.



#### 5ª. etapa

Depois dessa exploração visual do texto, voltamos a conversar sobre a lenda escrita pelo Edmar. Algumas crianças ensaiaram contar oralmente a lenda e depois, livremente, algumas fizeram tentativas de reescrevê-la, de seu ponto de vista, cada uma de acordo com seu conhecimento, mas sempre com trocas entre elas. Algumas fizeram, a seguir, por decisão própria, a proferição de seu texto de acordo com o conceito de Bajard.

#### 6ª. Etapa

Com o intuito de ampliar o seu universo cultural e estabelecer comparações com a lenda lida, apresentei a elas o livro *A menina levada* e a *serpente encantada*, do escritor maranhense Wilson Marques. Elas dialogaram livremente sobre semelhanças e diferenças entre a lenda e a história. Sob minha orientação elaboraram um quadro comparativo. Outras atividades foram feitas: dobraduras de serpentes, audição e dança de músicas, montagem da palavra *serpente* e montagem de outras palavra só com as suas letras.

#### 7ª. Etapa

Como a maioria das crianças do Cajueiro nunca tinha ido à Lagoa do Cassó, pensei em organizar uma excursão para que suas experiências não se limitassem à leitura da lenda, ao vídeo ou a descrições ouvidas, mas

que vivessem a Lagoa do Cassó, metessem os pés na água e apreciassem a beleza da relação da lagoa, das pousadas, dos restaurantes e da mata que a circunda. E que sentissem a esperança de ver a cobra, protagonista da lenda lida.

O acesso somente poderia ser feito por um caminhão, com custo alto. Eu não poderia dispor de meu salário. Expus minha ideia a meu marido. Ele me incentivou e me apoiou logística e financeiramente. Expus também minha intenção aos pais e pedi que alguns me acompanhassem. Formamos um grupo e fomos todos juntos. Foi uma verdadeira aula passeio no estilo de Freinet.

Foram muitas descobertas, vivências profundas, ampliação cultural e material fecundo para a formação das crianças como seres que querem aprender a escrever e a ler, principalmente as palavras e os enunciados de seu mundo cultural. A escrita e a leitura foram ao encontro de sua fonte: a vida que se passa além dos muros da escola.

### Resultados

As crianças aprenderam a dialogar, a interagir e a confrontar ideias; a organizar um texto; a produzir pequenos textos; a compreender o que é ler; a expor suas ideias; a fazer leitura no silêncio; a diferenciar os textos pela sua estrutura; a ouvir o outro; e enriqueceram sua linguagem.

Eu, na condição de professora que não acreditava inicialmente nas propostas, após essa experiência, muito aprendi e me convenci. Houve uma grande mudança com relação a minha prática, porque aprendi a trabalhar nessa nova perspectiva discursiva e humanizadora; abriu-se um leque de ideias que ampliaram meus conhecimentos pedagógicos. A organização do espaço da sala de aula passou a refletir a minha ação pedagógica; a escuta atenta das crianças favoreceu as relações de ensino que estabeleço com elas; aprendi a respeitar a criança como protagonista.

A partir da experiência, foi possível perceber que alfabetizar as crianças nessa perspectiva é uma ação prazerosa para a criança e para a professora. Cada etapa desenvolvida me mostrava caminhos diferentes para obter êxito no desenvolvimento da leitura e da escrita. Foi um desafio, mas consegui superar tudo com as formações continuadas e com a orientação da equipe de formadores.

## MURAL

### LITERATURA NA RODA



“O que tem dentro da sua fralda” é um divertido livro que conta a história de um ratinho muito curioso e que gosta de explorar espaços, objetos e mexer em tudo que encontra pelo caminho. Um desejo por saber o que havia nas fraldas dos amiguinhos o conduz para uma engraçada aventura. Essa leitura é indicada para bebês, crianças e adultos de qualquer idade.

### HAHUM PRESENTE!

#### Andanças 1

Durante três dias, entre 29 de novembro e primeiro de dezembro de 2022, o membro do NAHum, Dagoberto Buim Arena, esteve, a convite do secretário Cicero Alberto, em São Luís do Quitunde, Alagoas, para participar como conferencista no 1º. Seminário *Lê mais São Luís*, para visitar escolas e para conversar com a equipe da Secretaria de Educação. Há lá boas práticas com leitura e uso experimental de escrita com conjuntos de caracteres, acompanhadas de estudos teóricos orientados por Silvana Paulina, professora da UFAL, egressa do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP de Marília. Em 2023, as trocas deverão continuar.



### ANDANÇAS 2

Adriana Pastorello Buim Arena e Dagoberto Buim Arena, do NAHum, estiveram entre 14 e 17 de fevereiro deste ano em Urbano Santos, Maranhão, a convite das professoras Joelma Reis Correa e Edith Maria Batista Ferreira da Universidade Federal do Maranhão, para se encontrarem com professores alfabetizadores que participam do programa *Alfabetização pra valer*. Esse projeto, planejado e coordenado pelas duas professoras, está revolucionando a alfabetização em Urbano Santos. Este boletim dá voz a uma professora de lá na seção *Eu faço assim*.



### DIÁLOGO COM LEITORES

O site do NAHum tem recebido muitas mensagens de crianças que, assessoradas por suas professoras e professores, comentam as histórias que estão sendo publicadas. A troca de correspondências em torno dos temas e das personagens alimenta nas crianças o desejo de ler mais e de escrever mais mensagens. Experimentem fazer isso com seus alunos! Depois, analisem as suas reações.

### AÇÕES EM ESCOLAS

O pessoal do NAHum está assessorando duas professoras da escola estadual Abel Fragata, em Marília, e duas escolas de Urbano Santos, em um projeto de correspondências entre crianças de primeiro ano e de quarto ano. Vamos acompanhar essa troca durante todo o ano.